



Celoricensens de destaque

Em conversa com... José Lopes

“ Partida a salto para França foi uma experiência difícil mas muito mais fácil do que a dos nossos antecedentes ” (José Lopes, 25 de agosto de 2016)

José Lopes partiu a salto para França no ano de 1973, à procura de uma vida melhor! Em Portugal teve uma experiência laboral negativa na limpeza de vidros. A patroa, na altura, disse-lhe que não sabia limpar vidros, o caricato desta história foi que, José Lopes, na França, sempre trabalhou na limpeza de vidros. Atualmente, José Lopes está reformado mas continua a trabalhar, para contribuir para o sucesso dos filhos que vivem em Paris.

A profissão que exerceu ao longo da vida permitiu-lhe a tranquilidade financeira que ambicionava. Com a família toda em França não se vê a regressar em definitivo à terra de origem. “Tenho a minha vida, os meus filhos, os meus netos na França, venho a Portugal mais vezes, e amo a minha terra, mas dificilmente regressarei em definitivo”.

P: Em que ano partiu para a França? Foi a salto?

R: Parti para a França a 31 de dezembro de 1973 e fui a salto. Foi uma experiência um bocadinho difícil, muito mais fácil que os nossos antecedentes, mas uma grande aventura.

P: E a sua integração num país novo como correu?

R: Consegui integrar-me facilmente, precisei de algum tempo para arranjar casa e encontrar trabalho, mas tive ajuda de familiares que partiram anteriormente.

P: Adaptou-se bem à língua?

R: Fui aprendendo devagar, a ler notícias nos jornais, a ver a televisão francesa, a falar com os franceses. Mas há muitos que só vêm televisão portuguesa e lidam praticamente só com portugueses, depois é normal que falem o “Franguês”, uma mistura das duas línguas.

P: E procurou trabalho em que áreas?

R: Sujeitei-me ao que me propunham, se não fosse assim, não poderíamos continuar, e a pouco e pouco fui evoluindo.

P: E qual foi a sua profissão que teve na França, durante mais tempo?

R: A primeira e a única profissão foi aquela que eu disse um dia, que nunca haveria de fazer na vida, limpar vidros. A história é engraçada, quando tinha 16, 17 anos trabalhei num café no porto e depois um dia a patroa disse-me – Amanhã quero aqueles vidros todos limpos, e não disse mais nada. Limpei os vidros como sabia, no dia seguinte estavam cheios de manchas. Então, levei um raspanete enorme da minha patroa, que, depois de me chamar atenção, disse que deveria ter limpo os vidros com papel de jornal. Não sabia, fiz como sabia e resultado não foi o melhor! A Senhora, um pouco autoritária, disse-me que nunca seria ninguém na vida, e eu respondi-lhe – Também não vai ser a limpar vidros que eu vou viver a minha vida. Estava bem enganado. Certo é que, depois de emigrar, sempre trabalhei na limpeza de vidro.

P: No fundo agradece à senhora/patroa que lhe deu o raspanete por o ter feito encontrar o seu caminho.

R: Acredite que já nos rimos deste então, encontramos-nos e falamos deste momento, que na verdade acabou por mudar a minha vida.

P: E que o levou a partir?

R: É simples, falava-se que teríamos de cumprir 4 anos de vida militar e eu estava à porta de ter de cumprir a vida militar, mas 4 anos era muito tempo, se fossem dois anos tolerava-se mas 4 era demais, ainda por cima, sem dinheiro. Por isso, decidi ir para a França durante cerca de 2 anos para ganhar dinheiro e regressar e aí apresentar-me para a vida militar. Mas depois de assentar na França, tudo mudou. Fui ficando, porque a França é um vício, vamos ganhando a nossa vida, fui construindo a minha família.

P: Sempre trabalhou na região de Paris?

R: Sim, sempre trabalhei na região de Paris, mudei de concelho mas sempre na mesma região.

P: Vive em Houilles e foi um dos grandes impulsionadores para criar o protocolo de geminação entre Celorico e Houilles, há 10 anos atrás. Como foi esse processo?

R: O presidente da Câmara pediu-me ajuda para encontrar uma terra para geminar com Celorico, fiz várias tentativas e foi durante um jantar em casa que vim a descobrir, pela minha filha, que Houilles andava à procura de uma cidade Portuguesa para estabelecer um protocolo de geminação. Fui falar com o maire de Houilles, Alexandre Joly e ele ficou todo entusiasmado para estabelecer protocolo com Celorico. O prof. Albertino, então presidente da Câmara Municipal de Celorico de Basto, reuniu em França com o maire, mas foi na visita a Celorico de Basto que Alexandre Joly se mostrou encantado. A vila apresentava muitas alternativas para crescer e ficava situada no local maravilhoso. Depois do impulso, as duas câmaras fizeram o resto. E hoje Celorico de Basto é geminado com Houilles e corre tudo muito bem.

P: Sem querer uniu a cidade de coração com a cidade que o acolheu?

R: É verdade. E orgulho-me disso.

P: Sente-se bem integrado na comunidade francesa?

R: Nós guardamos sempre o nosso lado português, no futebol por exemplo somos por Portugal e pela França, dependendo de quem vai à frente. Desta vez fomos por Portugal. Respeitamos as nossas origens e o país que nos acolheu... A França é um país que acolhe bem, não me posso queixar.

P: Vive efusivamente as atividades portuguesas promovidas na França?

R: As pessoas vão às atividades promovidas pelos portugueses na França, mas isso não dispensa o mês de agosto passado em Portugal.

P: Agora que está reformado tem mais tempo para vir a Portugal?

R: Sim, apesar de continuar a trabalhar, venho mais vezes a Portugal.

P: O facto de ter emigrado foi vantajoso para si?

R: É uma questão que não consigo responder. Se eu cá ficasse era capaz de ter evoluído porque não sou de ficar com as mãos nos bolsos. Ao emigrar sei que perdi e ganhei muita coisa.

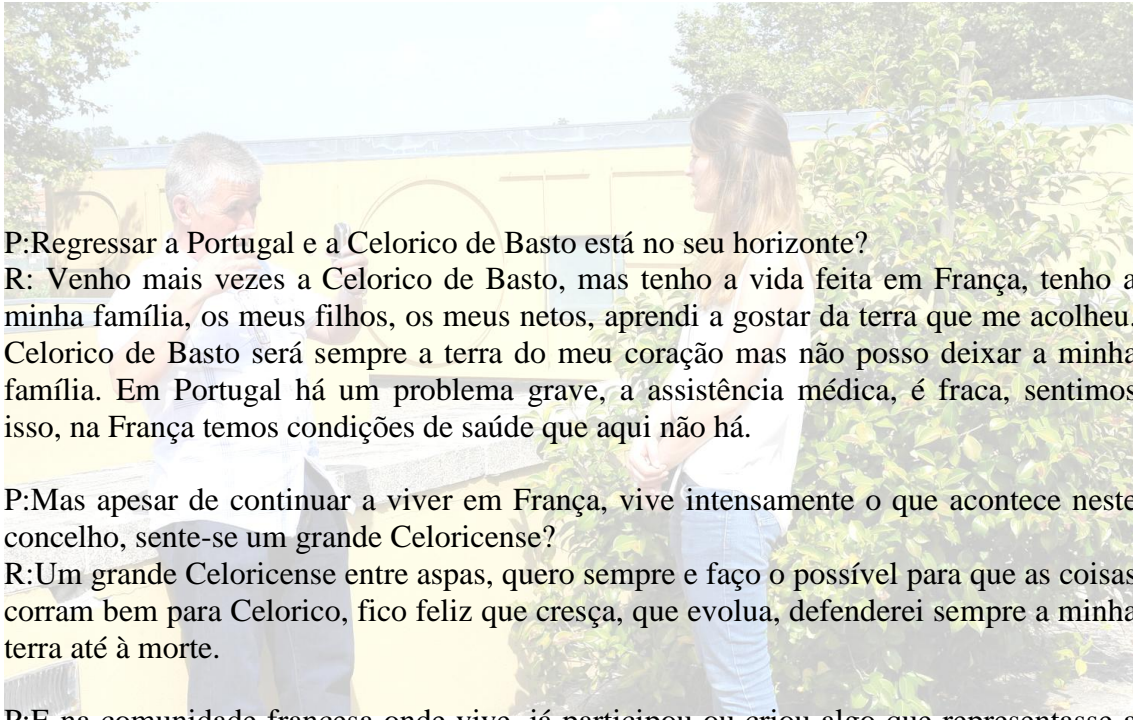
P: Existe ainda a ideia de que os emigrantes em Portugal são estrangeiros e os portugueses no estrangeiro, estrangeiros são. Sente-se assim?

R: Desprezo um pouco a palavra emigrante apesar de se estar a valorizar os portugueses da diáspora, eu, muito raramente, falo na palavra emigrante, porque essa palavra desloca-nos para outro sítio, onde quer que estejamos. Não nos deixa sentir pertença em lado nenhum. Em Celorico os emigrantes são recebidos com muita saudade. Nota-se algum mal dizer quando chegam com um carro bom, mas, é preciso que se note que é percorremos mais de 1500 kms para chegar a Portugal, convém ter um carro bom!

P: As romarias ainda são o ponto de encontro dos emigrantes?

R: É tão verdade que a maioria dos portugueses no estrangeiro fazem tudo por tudo para vir de férias no agosto, porque é mais fácil rever toda a gente, matar a saudade nas festas e romarias, viver o que é tradição. Na verdade o português emigrado quando chega a Portugal esquece-se de ver televisão tal a saudade em ver pessoas e locais. E torna-se mais português quando passa a fronteira e regressa ao país que o acolheu... Há mais nostalgia, mais amor ao país. A terra do coração, das origens.

“O amor imenso que sinto por esta terra, Celorico de Basto” José Lopes, 25 de agosto de 2016



P: Regressar a Portugal e a Celorico de Basto está no seu horizonte?

R: Venho mais vezes a Celorico de Basto, mas tenho a vida feita em França, tenho a minha família, os meus filhos, os meus netos, aprendi a gostar da terra que me acolheu. Celorico de Basto será sempre a terra do meu coração mas não posso deixar a minha família. Em Portugal há um problema grave, a assistência médica, é fraca, sentimos isso, na França temos condições de saúde que aqui não há.

P: Mas apesar de continuar a viver em França, vive intensamente o que acontece neste concelho, sente-se um grande Celoricense?

R: Um grande Celoricense entre aspas, quero sempre e faço o possível para que as coisas corram bem para Celorico, fico feliz que cresça, que evolua, defenderei sempre a minha terra até à morte.

P: E na comunidade francesa onde vive, já participou ou criou algo que representasse a nossa cultura.

R: Nunca participei em nenhum rancho, mas fiz sempre parte de associações, o excesso de trabalho levou-me a deixar essas atividades em segundo plano, mas continuo ligado com a história dos convívios que é muito característico de nós, portugueses. Entretanto, tive um problema de saúde e abandonei um pouco essas atividades. Mas a promoção dessas atividades na França não é fácil, principalmente porque não temos locais para a promoção dessas atividades. Na França não há os apoios dos municípios como acontece em Celorico.

P: Nota a evolução do seu concelho?

R: Sim, muito. Nós tínhamos uma vila que era uma rua de uma ponta à outra e mais nada. Ainda demorou a começar a evoluir mas agora deu um salto extraordinário sempre com características naturais únicas e equipamentos e indústrias pouco poluentes. O melhor que há agora é o verde, se o preservarmos será sempre uma característica nossa se o destruirmos nunca mais o teremos. Está cada vez melhor e cada vez mais capaz de acolher do que de mandar as pessoas lá para fora.

P: Como caracteriza as gentes deste concelho?

R: Como em todas as terras há o bom e o mau. Mas a maioria sabe acolher, numa terra que é de excelência.

P: E este espaço! Sei que é especial para si?

R: Este espaço está muito bem conseguido e é uma bela homenagem ao Prof. Marcelo que é agora presidente da República e um grande homem. Recordo-me, há uns anos, numa das suas vindas a Celorico, disse-lhe – Temos uma coisa em comum! O quê? O grande amor por Celorico de Basto. Ele deu-me um grande abraço. Nós devemos muita coisa a Marcelo Rebelo de Sousa. É mais que merecido que este espaço tenha o seu nome e tenha sido construído, também em sua homenagem.

P: Como acha que será o futuro desta terra?

R: Espero que continue a evoluir no turismo, com indústrias não poluentes, que acolha os jovens formados e não formados. A pouco a pouco nota-se a evolução do concelho.

P: É um celoricense atento ao que se tem feito, programas sociais, obras inauguradas...?

R: Sou uma pessoa muito atenta e fico verdadeiramente satisfeito por ver que estão a seguir o melhor caminho para que este concelho seja uma referência.

P: Que conselho daria a quem cá vive?

R: Nunca se esqueçam da terra, valorizem este paraíso natural.

P: Que mensagem deixa aos celoricenses para que não emigrem.

R: As condições são um pouco difíceis, mas acho que aqui ainda há muita coisa onde se possa espreitar o “furo”. É preciso coragem para se lançar, para investir numa arte. Estamos numa terra que daqui a 10 anos não terá um carpinteiro, um picheleiro, um pedreiro, um electricista. Os jovens não podem querer ser todos doutores e engenheiros, nem devem, as profissões mais técnicas são importantes e fundamentais. Quanto menos existir mais cara será a mão-de-obra. Quem gosta de uma arte deve aperfeiçoar-se nessa arte, terá muito sucesso, certamente.



*“O português é mais português quando passa a fronteira, em direção ao país que o acolheu” José Lopes,
25 de agosto de 2016*

*Gabinete de Comunicação em entrevista com José Lopes, Celoricense emigrante em França, com um
amor imenso pela terra que o viu nascer!*

Biblioteca Municipal Prof. Doutor Marcelo Rebelo de Sousa, 25 de agosto de 2016